

RECENSÕES / BOOK REVIEWS

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *As vestes litúrgicas*. Brasília: Edições CNBB, 2023, 96 p.

Dom Edmar Peron, bispo diocesano de Paranaguá e, à época, presidente da Comissão Episcopal para Liturgia da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), ao apresentar o Estudo 115, intitulado *As vestes litúrgicas*, destaca que, em resposta a solicitações de alguns Regionais da CNBB, o texto tem o intuito de “interpretar de forma simples e clara as normas prescritas em cada livro litúrgico a respeito das vestes, sobretudo apontando as lacunas e as necessidades de reflexão e orientação por parte da Conferência Episcopal”. A partir disso, o Setor de Espaço Litúrgico da Comissão Episcopal para Liturgia, revelando uma preocupação mais abrangente com a dimensão espiritual e litúrgica, dedicou-se à sua elaboração, concebendo-o a partir do seguinte objetivo: “servir à Igreja na sua diversidade de ministérios, sobretudo no que diz respeito à *ars celebrandi* do Mistério Pascal de Cristo”. Ademais, do ponto de vista formal, o estudo está dividido em três capítulos:

I. Aspectos bíblico-teológicos

Neste primeiro capítulo, o estudo recupera o sentido bíblico e teológico das vestes. Na tradição veterotestamentária, vestir-se é próprio do sacerdote e representam sua consagração. Recebendo estas vestes, os sacerdotes seriam consagrados ao Senhor e poderiam exercer o ofício divino que lhes é confiado. As vestes são caracterizadas pela nobreza nos materiais. No Novo Testamento, por sua vez, não há menção de uso de veste litúrgica. O cristocentrismo da Igreja nascente procura se distinguir, o máximo possível, da tradição judaica. O contato com a cultura greco-romana irá gerar um processo de inculturação e a adequação das vestes ao contexto celebrativo cristão.

O sentido teológico das vestes é de transformação: aquele que se reveste se transforma em uma “outra” pessoa. Diz o estudo na página 22: “O homem transvestido por um ato de liberdade renuncia às suas identidades para assumir a divindade que representa (*in persona Christi*) nos seus gestos, atitudes e palavras”. O paramento é, por isso, uma

pessoa, revestir-se de uma pessoa, agir no lugar desta pessoa. Nos Ritos de Iniciação Cristã, o neófito, isto é, o recém-batizado, é revestido de uma veste branca, símbolo de sua nova dignidade e da veste que deve conservar sem mancha até a vida eterna. O fundamento de toda veste, do ponto de vista teológico, está na vestição batismal.

II. *Aspectos históricos*

O segundo capítulo do estudo 115 apresenta uma síntese histórica do vestuário litúrgico. Ao longo dos primeiros cinco séculos, os ministros utilizavam vestes do cotidiano para as celebrações litúrgicas. Será no início da Idade Média que a Igreja insistirá no uso das vestes tradicionais diante da novidade cultural de uso de roupas mais curtas. As vestes se distinguem em veste base e sobreveste. A veste base é a túnica branca, como sobreveste aparecem outras vestes, em especial, a casula. Com o tempo, para facilitar a movimentação dos braços, as vestes ganham novas formas, mais curtas dos lados e na parte frontal. Outra influência importante é do barroco, caracterizado pelo triunfalismo e pelo esplendor das vestes. Será o Concílio Vaticano II e a reforma litúrgica por ele encetada que dará critérios teológicos e litúrgicos para as vestes celebrativas, redescobrimo a nobre simplicidade dos ritos sagrados.

III. *Orientações e observações práticas*

Na terceira parte do estudo, os autores se dedicaram a realizar uma síntese, a partir dos ritos dos sacramentos e sacramentais, das normas quanto à veste litúrgica em cada uma destas celebrações. Para a Eucaristia: alva, como veste de todos os ministérios litúrgicos, e estola e casula para os sacerdotes (permanece válida a autorização de presidir com túnica ampla e estola). Para o Batismo: alva, ou sobrepeliz, ou pluvial com estola branca ou festiva. Para a Confirmação, os paramentos próprios da Missa (brancos ou vermelhos) ou os paramentos próprios para os sacramentos fora da Missa (pluvial e estola). Para a Penitência, cabe ao bispo local determinar os paramentos próprios. Para a Unção dos Enfermos, dentro da Missa, paramentos próprios para a Celebração Eucarística da cor branca; fora da Missa, túnica e estola branca. Para o Matrimônio, dentro da Missa, paramentos próprios da Celebração Eucarística com a cor branca e, fora da Missa, túnica e estola (e pluvial) da cor branca. Quanto aos sacramentais, à Celebração da Palavra de Deus e à Liturgia das Horas, o estudo especifica as vestes próprias a cada um deles.

O estudo é concluído rerepresentando as cores litúrgicas e o sentido próprio de cada uma delas, ligadas estritamente aos paramentos litúrgicos diaconais e sacerdotais e recolocando a iconografia cristocêntrica das vestes litúrgicas. Além disso, traz as determinações eclesiais quanto ao hábito ou o vestir-se dos consagrados e ministros ordenados.

À conclusão, o texto traz um trecho de uma homilia de São João Crisóstomo que relembra a coerência que deve existir entre as vestes utilizadas na Liturgia e a pureza do coração. O estudo possui, ainda, um rico glossário com os termos próprios utilizados no livreto.

*Antonio Eduardo Pereira Pontes Oliveira*¹

¹ Especialista em Liturgia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: antonioep91039433@gmail.com